

DON QUIXOTE

de Angelo Agostini

Largo da Carioca 4 (Sobrado)



Francesco Crispi..

O DON QUIXOTE

Rio de Janeiro, 10 de Agosto de 1901

Escriptorio e Redacção
LARGO DA CARIOCA N. 4
SOBRADO

—):(—

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno.	25\$000	Anno.	30\$000
Semestre	14\$000	Semestre	16\$000
NUMERO AVULSO 1\$000			

EXPEDIENTE

AVISO

Agradecendo aos Srs. assignantes que tiveram a bondade de escrever-nos sobre a sua mudança, ou não mudança, de domicilio, o que nos habilita para a remessa da folha, pedimos aos que ainda o não fizeram a bondade de nos participar, escrevendo-nos, sem o que teremos de suspender a remessa da folha por ignorarmos se é ou não recebida pelo assignante.

As cartas devem ser dirigidas a Angelo Agostini, largo da Carioca n. 4, sobrado, Rio de Janeiro.

CHRONICA

Se esta chronica tivesse pretensões a solemne e grave, se fizesse questão de constituir elemento e contribuição para a historia, não deixaria de vir hoje cheia de casos importantes, registrando transformações e mudanças, scisões, apoios e opposições, discursos—o diabo com botas.

Em materia politica tivemos uma semana cheia. Houve de tudo: manifestações, arruaças, demissões, nomeações, noticias alarmantes, constas mysteriosos, obstrucção na Camara, bancadas em guerra, accusações, protestos... um pavor..

Para quem se quizesse occupar de politica e influir na marcha das cousas publicas, ahi estava uma occasião excellente para deitar opinião, e salvar a patria com um artigo luminoso. Mas eu apesar de inspirado pelas melhores intenções para com a patria, apesar de achar muito bonita e honrosa a collocação no curuto dos pinaculos das culminancias politicas tenho no devido respeito os espinhos que ornam o caminho para lá

chegar. As descomposturas, as discussões, da vida privada, a variedade de casacass que convem possuir, todas de forro diverso, o dinheiro que é preciso gastar com as secções livres da livre imprensa, o vocabulario de palavrões, todas essas cousas complicadas e mais ou menos desagradáveis, fizeram-me desistir ha muito tempo do alto logar que naturalmente me competeria.

Mas eu scu dos taes, que se dispensam de ir a Gloria, se houver pancadaria no largo da Lapa.

Por isso contento-me em registrar que o Dr. Epitacio Pessoa deixou a pasta do interior e justiça, indo dirigil-a o Dr. Sabino Barroso, deputado por Minas-Geraes.

Do mais, caluda... Nem um pio.

Mesmo porque, se quizesse fallar claramente não poderia. Que houve? Que ha? o diabo que o entenda. A gente num jornal lê em epigraphes de palmo e meio que a transformação foi motivada por isto e aquillo, abre outro e lê exactamente o contrario, abre o velho orgão, como quem recorre a um tira teimas indiscutivel, esbarra-se nun. silencio discreto de arabe ou de sabio, ou de sphinge (como quizerem).

Que fazer?

Como resolver-me a encarar o caso d'este ou d'aquelle modo?

Só se for á sorte. Metto no chapéo pedaços de todos os jornaes mais ou menos livres e tiro um ao accaso. Se fôr do *Journal do Commercio* metto a viola no sacco e sigo a opinião de outro qualquer se outro qualquer me cahir sobre a mão.

Mas qual, a preguiça e a prudencia me obrigariam a fazer batota. Pelo tacto escolheria o pedaço do decano só para não ter o trabalho de dar opinião.

Nada, o melhor é decidir-me francamente e declarar logo, que não tomo partido, nem faço ouvir o meu esclarecido juizo, nem que me rachem.

O chefe de policia tambem mudou e com elle tambem os delegados auxiliares.

Tambem sobre esta transformação ha muita cousa a dizer... para quem quizer fazer barulho mas eu prefiro o socego do modesto ostracismo á popularidade barulhenta, que faz ouvir descomposturas e cansa as guellas vomitando injurias.

Decididamente sigo o melhor e mais habil partido.

Passo por alto sobre as demissões e apresento aos novos nomeados as home-

nagens e curvaturas que é de bom aviso apresentar sempre aos que occupam os postos elevados.

Se esta chronica tivesse pretensões a solemne e grave, si fizesse questão de constituir elemento e contribuição para a historia...

Mas, nada d'isso.

Em bocca fechada não entra mosca.

Não garanto a origem latina d'este ri-fão mas a sua philosophia profunda e practica salta aos olhos de qualquer.

E portanto, bico...

GATINHO.

Religião decorativa

Ha um tempo para cá a religião catholica, que depois do advento da Republica, perdendo o character official, ganhou poderio e influencia muito maior do que tinha nos ultimos annos da monarchia, vai tomando um character exterior, exagerando o culto, para inglez ver e não se contentando já com as igrejas que se multiplicam e realisam solemnidades diarias, vem ás ruas em prestitos constantes, maiores e menores.

Valentim Magalhães foi o primeiro a estranhar o caso em artigo de 1ª columna n' *O Paiz*, em que assim descreve uma das muitas passeiatas a que assistimos diariamente :

« A tres ou quatro semanas assisti nesta civilizada, populosa e grandissima capital da Republica do Brazil, a um espectáculo estranho e que me produziu funda e inexprimivel emoção. Constituia esse espectáculo o desfilar, pelas ruas e praças, da Congregação do Sagrado Coração de Jesus. Eram centenas, muitas centenas de mulheres, só mulheres, marchando a duas e tres de fundo, com os seus distinctivos religiosos, fitas azues, passadas a tiracolo ou cruzadas sobre o seio, medalhas, cruces, rosarios, etc. Havia-as de todas as côres, idades, condições e... feitios. Sim, porque algumas havia, tão deformadas pela velhice ou pelas enfermidades, que eram quasi insexuaes. Muitas bem vestidas, envergando sedas caras, algumas trajadas miseravelmente, mas a maioria com decencia e modestia; todas de preto.

Não vem ao caso se em todo aquelle mulherame havia algumas formosas. O necessario é saber-se que eram muitissimas, de todas as camadas sociaes, democraticamente misturadas, contrictas e absorvidas para dentro, pela visão interior da sua fé, e que marchavam disciplinadamente, a passo medido e lento, remexendo os labios num murmurio monótono de prece e os dedos num passar e repassar de camandulas. Palmilhavam as cal-

çadas, acompanhadas, do meio da rua, por alguns padres de batina e solidéo, officiaes daquelle batalhão sagrado. Eu, na verdade, só vi um padre, magro, alto, cara de facão, fina e cortante, olhos pequenos e agudos, senho carregado, typo classico de jesuita; como, porém, não vira desfilarem a farandula desde o principio, supponho que não seria dirigido sómente por aquelle capitão de roupeta. De vez em quando, uma voz elevava-se, entoando uma Ave-Maria e logo lhe respondiam centenas de outras, fazendo côro, numa monodia engrolada e lugubre.

Fazia um estranho contraste esse cordão colleante de vultos negros e murmurantes de devotas em penitencia com a vida agitada da zona commercial que atravessava, por entre homens azafamados e carroças carregadas de mercadorias, em pleno bulício urbano, à crua luz meridiana. Houve um instante em que o vozeiro rythmado da prece, engrossando, subindo, rolando solememente no espaço, abafou todos os rumores da rua—passadas de transeuntes, trepidar de vehiculos, prégões de venda, echos de conversas. Pareceu-me então que o jesuita de longa batina e larga capa se elevava ao ar, numa levitação brusca, sobre as pessoas e sobre as casas e, como um morcego colossal, desdobrando as azas elasticas sobre toda a cidade, pairava alto, oscillante, tenebroso, obscurecendo o ambiente, com uma sombra immensa, prenhe de tristezas e de ameaças... Foi uma visão cruel, mas rapida, como um relampago. Desfilou uma risada escarninha. Era um popular que chasqueava, parado, com o seu solido e rude bom senso, daquelle spectaculo imprevisito:

— Olha as baratas! Era melhor que fossem trabalhar! »

Dias depois quem escreve estas linhas assistio a outra scena mais curiosa ainda. Num domingo, ás 2 horas da tarde atravessou a rua Moreira Cesar, um grupo de mais de cem pessoas entre homens e senhoras, a dous de fundo, rezando.

La adiante um coronel do exercito, fardado, que recitava em voz alta a *Ave Maria*, que todos acompanhavam num vozear confuso e apressado.

Chama-se a isso orar?

Então não deve o christão dirigir-se a Deus na calma do seu lar, na solemnidade calma do templo. E' preciso vir orar pelas ruas, em voz alta, num momome improvisado, não isento do ridiculo?!

E' preciso para ser ouvido pelo Senhor orar pelas ruas em passeiata?!

Não haverá espirito lucido que julgue uteis e razoaveis semelhantes manifestações demasiado exteriores para não profanar a magestade singela da religião christã.

Não é isso a lei do divino Pastor. Elle

pregava a simplicidade, a modestia; elle nos dizia que Deus é um pai e que a todos ouve. Ninguém se dirige a esse pai, pelas ruas, em cortejo para que todos o vejam.

Ha nessas manifestações muito pouca humanidade e sinceridade, muito pouco sentimento da verdadeira fé catholica. Tudo isso é *pose*, é figuração para chamar a attenção publica.

Isso não é praticar a moral christã, é achincalhar-a, cobril-a de ridiculo, demoralisar-lhe o valor espirital, transformat-a em partido com vislambres carnavalescos.

Isso não corrige os erros, não evita os males, pois é tambem um mal.

O verdadeiro christão não é o que mais vai à Igreja, e presta-se a espectaculos e encenações pelas ruas; é o que pratica os preceitos do louro Rabino da Galiléa e não trabalham pelo bem commum unicamente enrolando orações, cuja significação se perde nessa exhibição, sem o calor da fé e a sinceridade do isolamento.

Por isso muito bem termina o articulista dizendo que do Christianismo o que se tem feito medrar no Brazil, como aliás em quasi toda a parte, ha seculos, é sómente a parte accessoria, cultural, lithurgica, material por bem dizer, deixando-se em completo e erradô abandono a essencial e basica — a Moral. Se se houvesse procedido oppostamente, outro e opposto teria sido o resultado. Mas a Igreja Catholica, sedenta de poder temporal, ambiciosa de bens terrenos e de poderio e governo sobre os povos, não convém a pratica, pura e exclusiva, da moral christã.

PARTIDO MONARCHISTA A' VENDA

Quanto custa uma adhesão

O QUE E' BOM CUSTA CARO

Estão admirados os leitores com esse luxo de titulos, que parece inveja dos grandes orgãos da manhã?

E' que hoje o caso não é para menos. O assumpto tão grave, tão alto, tão importante que a gente sem o sentir vai expandindo a sua estupefacção em titulos e sub-titulos pelo papel afôra, como se fosse reporter da madrugada noticiando um assassinato.

Trata-se de pouco menos; trata-se de um verdadeiro suicidio, um suicidio gigantesco, immenso. E' todo um partido que se offerece para morrer, mediante

uma quantia gorda. E' um regimen, uma dynastia, um programma, um sonho, que se propõe a voltar ao grande sei da natureza por alguns punhados, muitos punhados de moedas reluzentes.

Foi a *Gazeta*, que é alegre e faceta, porém muito séria e ponderada quando se trata de cousas graves, que deu o alarma.

Eis, com todas as virgulas, o que ella publicou ante-hontem:

« O PRINCIPE D. AUGUSTO

DECLARAÇÃO REPUBLICANA POR 1.500.000 LIBRAS

Acha-se em mão do sr. ministro da fazenda uma carta do principe D. Augusto de Saxe Coburgo Gotha, neto do defunto imperador D. Pedro II e apontado por uma parte dos monarchistas como uma brilhante esperanza para o triumpho dos seus principios num futuro mais ou menos longinquo, para o qual os erros da Republica poderiam arrastar o paiz.

Pois bem; se o principe D. Augusto, na opinião da maioria do seu partido, pôde ainda sustentar o pavilhão ao rddor do qual se devem reunir os apóstolos da restauração, estes estão em completa liquidação.

O principe D. Augusto acceta e sustenta a Republica e está disposto a publicar um manifesto republicano em seu nome e no de sua familia toda.

Ha apenas uma condição que sua Alteza estabelece como recompensa do seu acto magnanimo: o pagamento de 1.500.000 libras esterlinas, sob o pretexto de valorisar as terras e propriedades que a sua familia deixou no Brazil, em Petropolis especialmente.

E' pena que a Republica não seja tão rica para poder-se permittir o luxo de pagar perfumadamente um proselyto tão precioso, mas o facto em si vem alliviar a pobre da Republica de uma porção de faltas, e de responsabilidades que lhe vão diariamente assacando os amigos do principe convertido.

Poderão faltar as libras esterlinas para se operar publicamente a fusão do principe indigitado como um dos provaveis imperador do Brazil e a Republica; mas virtualmente a amalgama está feita.

E Mephistopheles que se regale a cantar o seu estribillo:

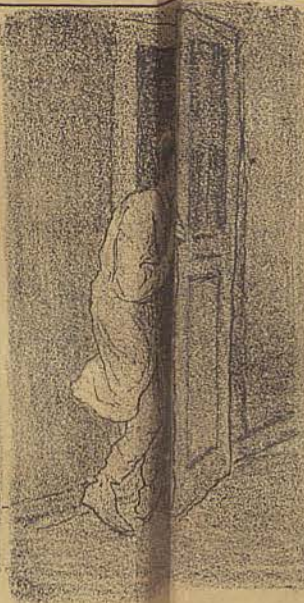
Dio de l'or

E del mondo signor! »

Ora ahi está!

E o pobre do Andrade Figueira a se cançar e o Sr. Laet a escrever e o Sr. Afonso Celso a encher volumes e volumes e a secção livre do *Jornal do Commercio* a crescer!...

Imagino o que não dirão agora, o que não pensarão agora os heroicos paladinos da corda, vendo-a assim offerecida á ven-



Depois de encostar a porta, Zé procura a sua cama. Sente que esbarrou com os pés em qualquer coisa; agacha-se para verificar o que é, e apalpa.
—Fuz favor de não bulir commigo, seu Juca; vá-se embora :

Heim! disse Zé espantado. E não é que eu entrei no quarto da criada?! E ficando mudo e quedo, pensou no melhor modo de se raspar. A rapariga estranhando obediencia tão passiva da parte de quem julgava ter vindo perturbar-lhe o somno

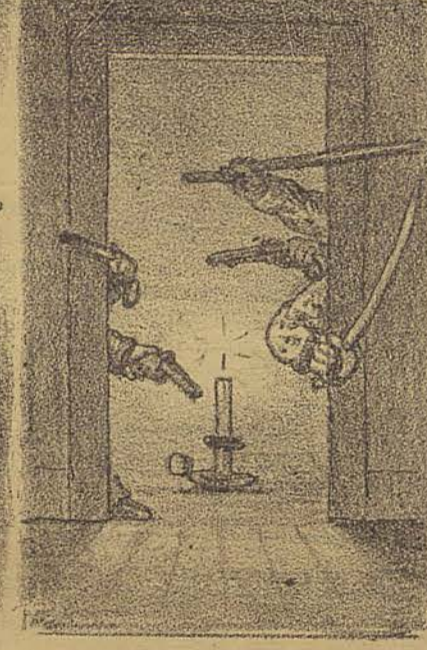
accende um phosphoro e solta um grito horrendo :
—O afogado! Jesus, Credo, Ave-Maria !!!
Ella acabava de sonhar que Zé tinha morrido e sem querer deu o alarma em casa.

Ouviu-se logo o grito :
— Que é ?
Zé estava dormindo e não tinha-lhe feidade do phosphoro que elle estava a lado.

O barão não tardou apparecer:—Que grito foi esse? Arrependida de ter gritado e não querendo comprometter injustamente a Zé, que ella julgava ter sahido do quarto respondeu:
—Pareceu-me ver um ladrão ao pé de mim, mas elle fugio logo. — Um ladrão! exclamou o barão, e

correndo para uma janella, abrio-a e gritou pela policia : mais debalde; nem a menor sombra della !

Voltando para o seu quarto, tomou a sua espada de ten.-cor. da G. Nacional e contou o que succedia á baroneza. — Mas eu não quero ficar sosinha aqui!—Nem eu! disse Mémé sahindo de seu quarto.



Em menos de 5 minutos, todos estavam de pé, armados e agrupados ao lado do barão.
—E o sr. Zé?—Creto que está dormindo, disse o primo Juca; mas fechei a porta e tirei a chave para que nada lhe aconteça.
— Bem.

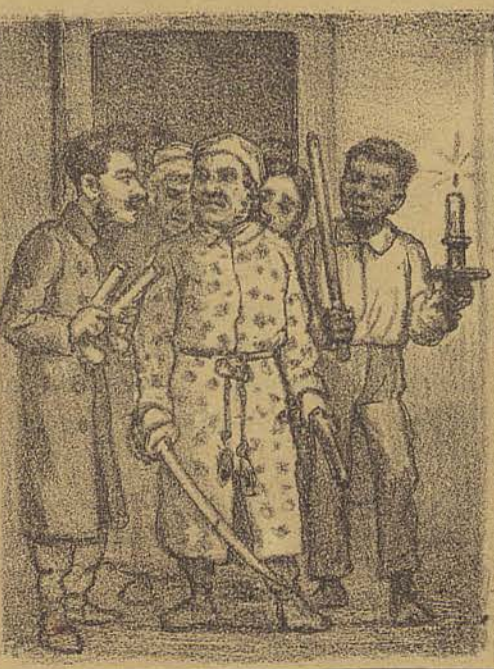
—Então vamos descobrir onde está esse larapio e prendel-o ou mata-lo se fizer resistencia !
—Ah! meu marido, pelo amor de Deus, não exponhas a tua vida!
—Ah! papai !...
—Deixem-me !... Um homem é um homem ! Vamos !

Quando o copeiro, que ia allumiando na frente, percorreu-se toda a casa.

Na passagem de um quarto para outro, empregava-se toda a cautella antes de entrar, não sem ter antes procedido á seguinte intimação :
—Saia quem estiver ahí !

—Como ninguem respondia, começava-se a espiar... Certos de que o quarto estava deserto

entrava-se com toda a coragem e galhardia. — Onde estará este patife.



Em todos os quartos procedia-se á mais rigorosa busca.

—Nada ! E' esquisito! No entanto o ladrão deve estar em casa, pois que as portas e janellas estão todas fechadas...

Lembraram-se afinal que não tinham ainda examinado o quartinho onde se guardava a roupa servida.—Não ha que ver, o ladrão deve estar ahí...

elles abrem esta porta de vergonha!

—Lembra-te que és pai de familia, elle pode estar armado e eu não quero ficar viuva. Deixe ir o Juca adiante; elle é solteiro, não faz falta.
—Ora muito obrigado, minha tia ! eu ainda não gozei a vida. — Papai não se exponha ! Um rumor

repentino que se ouviu no quarto, pôz termo á conversa e fez com que se tomasse, immediatamente, posição defensiva.—Saia quem estiver ahí, disse o barão. E como ninguem sahia...—Atenção seu Juca. Não vá atirar em mim !
—Não te...te...tenha susto; eu o def...fendo.
Dirigindo-se então para o criado, o barão com a voz meio tremula, gritou: A...bra !

da, como curiosidade inútil, que só tem valor estimativo.

O diabo foi a gente não ter sido avisada mais cedo. Já ninguém teria incomodado SS. EEx. os apóstolos, respondendo aos artigos, nem elles proprios se teriam dado ao trabalho de pôr a alma pela bocca, pregando no deserto.

Les dieux s'en vont.

Mas o espirito pratico vence.

O principe D. Augusto não esquece que pertence a uma dynastia americana.

Vão-se os dedos mas fiquem os anneis.

O throno é problematico, a propaganda tem sido hilariante, a corôa não parece muito viavel, o povo fiel anda muito distraído com o jogo dos bichos.

O dinheiro afinal sempre é dinheiro, tanto como o poder é o poder.

Afinal de contas o plano é habil e logico.

E se a Republica quizer se dar ao luxo de comprar tão illustre adhesão, o Sr. Andrade Figueira deve pedir uma indemnização. Que diabo, 1.500.000 libras sterlingas constitue maquia bastante gorda para que d'ella se possam descontar as quantias desembolsadas com a revolução que gorou e a monumental conta da secção livre do velho orgão.

O illustre martyr não deve perder tudo.

Mortos illustres

Ha um mez todas as semanas os jornaes dão noticias de desaparecimento de vultos illustres. D'aqui e do estrangeiro a morte tem levado grandes figuras, mentalidades poderosas, grandes estadistas e bemfeitores da humanidade que vão cahindo numerosos, como se o anjo da morte fosse attrahido pelas fronteiras mais altas.

Nos ultimos sete dias foi a imperatriz Frederica, a doce e boa ex-rainha da Alemanha, a virtuosa mãe d'esse poderoso e dominador Guilherme II, cujo nome enche o mundo inteiro.

Expirou a illustre rainha em Hamburgo, filha da mais poderosa rainha do Universo, mãe do imperador allemão e irmã do imperador britannico, cercada de filhos e netos, na calma de seu castello, bem proximo a laboriosa e animada Hamburgo.

O *D. Quixote* apresenta as suas condolencias a honesta colonia allemã no Brazil.

*

Outra grande figura que cahiu foi a de Antonio Ennes, o illustre estadista, escriptor e diplomata que tanto honrava Portugal e que nós, brasileiros, conheciamos de tão perto.

Era um homem raro, jornalista antes do mais e jornalista como poucos. No fim de sua vida voltara a imprensa e dirigia com a competencia de seu alto saber e de seu esclarecido patriotismo *O Dia* de Lisboa.

Plangloss, o apreciado chronista da *Tribuna*, assim escreveu sobre o pranteado morto :

« De todos os escriptores modernos de Portugal, cuido que nenhum teve tão retumbante nomeada nesta cidade como Antonio Ennes. O autor do *D. Jayme* tem talvez mais fama extensa. Esse poema e a *Judia* penetraram todo o interior do paiz.

Eça e Ramalho ortigão têm certamente culto mais alto, mas muito mais retriecto, limitado como está a certa roda de intellectuaes. Quem conquistou a população desta cidade, ha uns bons vinte annos, foi, porém, Antonio Ennes, com o seu famoso drama os *Lazaristas*, que a *Gazeta de Noticias* recém-nascida teve a boa fortuna de publicar, com um successo que só teve paralelo no do *Electra*, na Hespanha.

*

Não eram, porém, em sus successos litterarios ou jornalisticos o que mais interessava Antonio Ennes. Mais de uma vez, julguei lóbrigar que o que realmente o interessava, si não o satisfazia, era a administração que fizera em Moçambique. E tinha razão.

Não podia ser mais critica a situação dessa colonia quando Ennes fez o sacrificio de aceitar o cargo de commissario: e ahi, de tal fórma e com tamanha habilitade se houve, que poudo justar a gloria de Mousinho e de modo definitivo a gloria do seu proprio nome, que será immore-douro no povo portuguez.»

COUSAS DA POLITICA

Afinal de contas todo esse barulho, toda essa discussão, todos os manifestos e profissões de fé, que surgem de cada canto, suscitando de polemicas e provocando scisão e absolutamente inúteis.

A norma de vida da nossa politica vai cada vez mais, tomando a fórma parlamentar senão de direito pelo menos de facto.

Ahi está para exemplo a sessão de terça-feira na Camara que durou 5 horas occupadas em explicações pessoaes, discursos sem resultado pratico, tornando absolutamente perdido o dia legislativo.

Estamos no ultimo mez da sessão legislativa e nem sequer ainda foi encetada a discussão dos orçamentos, cuja votação é o primeiro dever do Congresso, e nem sequer foram ainda votadas as leis de fixação de forças.

As discussões como a d'essa sessão constituem verdadeiro obstruccionismo, impedindo e demorando a marcha dos trabalhos; adiando com grave prejuizo a resolução de projectos importantes.

A nossa estimada collega, a *Gazeta*, muito bem ponderou a respeito que :

« Quanto ás explicações pessoaes, lá estão explicitos os termos em que ellas

pódem ser feitas e no mesmo artigo se determina que, quando essas explicações se refram a rectificações de palavras ditas na tribuna, estas devem ser enviadas à mesa por escripto. Ora, precisamente, foi desse genero de explicações que ontem se tratou, preenchendo-se a sessão inteira com prejuizo das materias da ordem do dia.

Por este modo, a praxe que não tem como fundamento senão a tolerancia e a benevolencia da mesa, e que é positivamente contraria à lettra do regimento, póde servir sempre como recurso normal para se aniquilar e perturbar toda a regularidade dos trabalhos legislativos.

Ainda que uma opposição seja pouco numerosa, basta que cada um dos seus membros discuta o que lhe convier, a pretexto de dar explicações pessoaes, para ficarem burladas todas as disposições regimentares que regulam o modo do discutir.

Se este facto é sempre estranhavel, agora ainda o é mais, pela situação parlamentar em que nos achamos.

A Camara tem por dever fiscalisar e discutir todos os actos do governo, mesmo aquelles sobre os quaes não tem meios constitucionaes de intervir. A sua critica é sempre util; mas, para fiscalisar, discutir, approvar ou rejeitar, não tem direito de embaraçar a marcha da administração, provocando agitações estereis e desprestigiando o systema em vigor.

A situação do paiz não comporta esses excessos, condemnados até em paizes de regimen parlamentar.

Vêem? *Vld. le grand mot lâché.* — Parlamentar — os inconvenientes d'esse regimen já nos prejudicam e atrapalham... E venham ainda fallar em completar a obra, em estabelecer de direito o regimen da discurseira. Então é que será uma pandega.

Seria muitissimo melhor que, em vez de pensar e discutir reformas, tratassemos de regularisar a nossa politica e combater os males que nos assoberbam.

Não deve passar despercebida a anomalia que se está dando. A Camara em sua grande maioria apoia o governo; mas as medidas de que elle carece estão empacadas pela resistencia de um pequeno numero de representantes. Não entraremos na apreciação dessas medidas; mas se a maioria entende que ellas são convenientes, o seu dever é approval-as ou rejeital-as, se entende o contrario. A tolerancia com o obstruccionismo é reconhecer na minoria o direito supremo de dirigir os trabalhos, e a isso ella não póde de certo aspirar.

Piadinhas

Deu-se ha poucos dias em Berlim um caso importantissimo que o telegrapho se apressou em nos communicar e que com certeza vaê dar a agua pelo bigode de sua magestade o Kaiser.

Assim fallou a Havas: « Foi expulso do territorio allemão um jornalista norte-

americano, por ter escripto artigos injuriosos contra o imperador».

Ora vejam! Onde está o homem está o perigo. Em que diabo se foi metter Guilherme II. Pois um governo lá tem direito de expulsar algum estrangeiro que se torne inconveniente!

Pobre Kaiser, que descompusturas, que castigos não vae elle chuchar da imprensa brasileira.

*

O principio da semana foi de mudanças.

O ministerio transformou-se, sahio um ministro e as más linguas mexericaram que a cousa não fica nisso e outros collegas acompanharão o ministro da justiça.

No fim de dous dias já cochichavam as alavancas do progresso que eram trez os secretarios que estavam cahe não cahe, como fructa madura.

Os horizontes celestes não quizeram ficar atraz dos horizontes politicos. O sol foi demittido ou suspenso na quarta-feira, por abuso de força e os cariocas que tinham sido torrados até esse dia, ficaram como uns pintos.

*

Lê-se n'um jornal muito bem informado:

«O seu pessoal de gabinete (do novo ministro) parece que será o mesmo do seu antecessor; si não o fôr, hoje deve ser assignada a nomeação do novo».

Temos a adiantar sobre esta luminosa noticia, o seguinte:

Se o pessoal de gabinete mudar deixará de ser o mesmo e vice-versa. Se o mesmo pessoal for conservado pelo novo ministro podemos garantir que elle não mudará e se S. Ex. por ventura não quizer conservar os mesmos auxiliares dignar-se-ha a nomear outros, tendo o cuidado de dispensar os que lá estão para evitar complicação.

Estamos tambem autorizados a declarar, tendo recebido a informação da mais limpa fonte, que o pessoal de gabinete ou muda ou... não muda.

Tico-Tico.

THEATROS

SYMPHONIA

Viva Dios! As cousas positivamente não vão mal, as companhias que já estão na terra e não são poucas, vão vivendo mais ou menos bem; o publico tem applaudido e os espectaculos succedem-se regularmente com bom exito.

Representa-se e canta-se actualmente no Rio de Janeiro em quatro theatros o que á primeira vista parece um movimento theatral muito animado mas reparando bem, vê-se que nesse movimento, inegavel, não apparece nem sombra de theatro nosso, theatro do Rio de Janeiro, com artistas nacionaes ou nacionalizados. Representa-se e canta-se em quatro theatros em quatro linguas diversas — portuguez (de lá-alfacinha), hespanhol, italiano e francez.

Já vêm portanto, que essa animação só póde dar prazer aos dilletantis e emprezarios, deixando os verdadeiros representantes da arte dramatica os—actores e actrizes—na miseria ainda maior que o bulicio e animação das casas de espectaculos vem, pelo contraste, tornar ainda mais triste.

E já que estamos fallando de theatro Nacional não é fóra de proposito fallar de Theatro Municipal. A todos os que se queixavam da costumada protelação d'esse assumpto diziam até hoje que tudo dependia do edificio, que não era possivel organizar um theatro que não tinha casa.

Ha quem entenda o contrario; mas emfim os que assim fallaram eram os mais entendidos e nós portanto nos recolhemos a nossa insignificancia.

Mas agora que já foi comprado um theatro, que esperamos nós para mettel-o em obras e pol-o quanto antes em estado de funcionar?

Vêmos tantos theatros funcionando, o publico tão animado! No meio de tudo isso é triste não vêr um signal de theatro Nacional.

Entretanto n'outros tempos...

*

No *Lyrico* os exitos se tem succedido os exitos e as enchentes às enchentes, excepção feita na *Cavalleria* que se encheu a casa, não agradou, excepção feita dos côros, da orchestra e da bella sra. Berlendi que colheu muitos applausos.

O *Alfo* esteve pouco feliz e o tenor Innocenti mostrou mais uma vez que é habil cantor sem conseguir grande exito. Os outros artistas passaram bem muito obrigado e graças a Deus, que é pai de todos.

*

A companhia de zarzuelas hespanhola, que o distincto maestro mexicano Gustavo Campos dirige no theatro *Recreio* apesar de cultivar o genero pesado isto é, a zarzuela grande, que não lhe póde dar os resultados do exito e renda que daria o genero *chico*, tem obtido, a falta de enchentes, casas regulares, constantes.

O conjuncto é pouco harmonico e não está bem definido entre os generos grande e ligeiro. Tem uma tiple já nossa conhecida—a sra. Delgado, que não póde fazer todos os papeis e a sra. Ceballos que é sympathica figura, com a voz um pouco cançada, porem agradável e bem conduzida. Representa razoavelmente apesar de uma certa frieza...

Esta semana estreou outra tiple que nos parece muito ligeira. Tem alguma voz mas pouco desembaraço. Emfim, como é bonita e tem *sal*, foi um bom contracto. Estreou na popular *patita* da *Marcha de Caliz* (a saudosa criação da gentil Santafé), e foi applaudida com calor.

Nessa mesma *zarzuelita*, tão querida pelo nosso publico, estreou o sr. Fernandez que é afinal o melhor comico da troupe e fez muito boa figura nas *Tentaciones de San Antonio*. Nesta peça tambem fez verdadeira estréa, fazendo com graça a rapariga que tenta o seminarista a Sra. Vidal. Essa artista bastante sympathica

só tinha apparecido fazendo duas caricatas, genero para o qual é muito moça e muito elegante.

*

No *Apollo* o exito do *Talvez te escreva* tem se prolongado como o de toda a revista que se presa. A empresa porém não se fia nisso unicamente e todas as segundas-feiras vae dando primeiras representações passando em revista todo o seu soberbo repertorio.

Esta semana deu-nos um arremedo de comedia e uma revista de typos allusivos, em que um personagem, que faz o compadre, observa todos os outros n'uma casa de pensão, que elle julga ser um manicomio.

Ha mais figuras curiosas na peça e os artistas Amaral, Elvira Mendes, Carolina Santos e Ricardo, fazem boa figura.

Para terça-feira prepara a applaudida companhia *O solar dos Barrigas*, a popular opereta de Gervasio Lobato, D. João da Camara e Cyriaco Cardoso, que ja tanto barulho fez nesta capital representada em dous theatros ao mesmo tempo.

No mesmo theatro está em ensaios caprichosos a apparatusa magica de Eduardo Garrido *A péra de Satanaz*, que já muito tem dado e parece destinada ainda a fazer boa carreira no *Apollo*.

*

A mais importante nota da semana foi a estréa e o exito da companhia franceza de operetas.

O genero encantador que o nosso publico tanto aprecia e que tanto presa, não desempenhado por francezes, ha muito tempo não era offerecido ao nosso publico.

Agora todos os saudosos dos tempos rutilos do legendario *Aleazar* podem reviver a mocidade, e os de hoje podem apreciar as grandes obras de Offenbach, Suppé, Lecocq e outros mestres francezes interpretados com a graça viva, tumultuosa, endiabrada, que só os francezes sabem ter.

*

Pelos cafés cantantes as novidades tem diminuido.

Esta semana não tivemos no *Moulin Rouge* estréa alguma de successo. Continuou o grande exito dos Popescus, os barristas eximios, dos Sandor's, os elegantes e admiraveis hercules, do *Black and White*, da endiabrada Berthe Duchamps e outros.

Estreou a Placida, a popular e den-gosa Placida, que desertou do Cassino Nacional e vae estréar a Cinira Polonia.

Esta ultima constitue exito, pelo menos de curiosidade. Chegou de Lisboa sem dizer agua vae, organizou uma companhia que morreu na casca, apresentou-se nos camarotes de todos os theatros e agora depois de propor a representar alta comedia, vae estréar n'um café cantante.

Emfim no estado de bonhomia a que chegou o nosso theatro, já a gente não se deve admirar de cousa alguma.

EMILIO FOGUETE.

O que se faz e o que se diz.



Processões em perca. O jubileu e a festa da Glória transforma a cidade em vasta e collossal carolicea!



O prefeito Municipal dá a demissão ao Dr Cotrim e a outros empregados, até que se defendam...



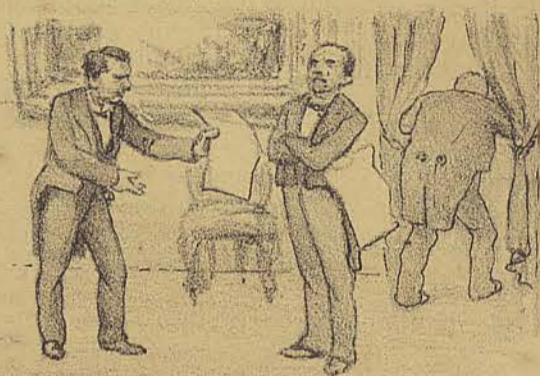
É por causa da Carne Verde que o Dr Cotrim... Maldicta carne! Eu, que nem por sombra...



O principe Augusto que vende por um milhão de libras sterlingas suas pretensões!



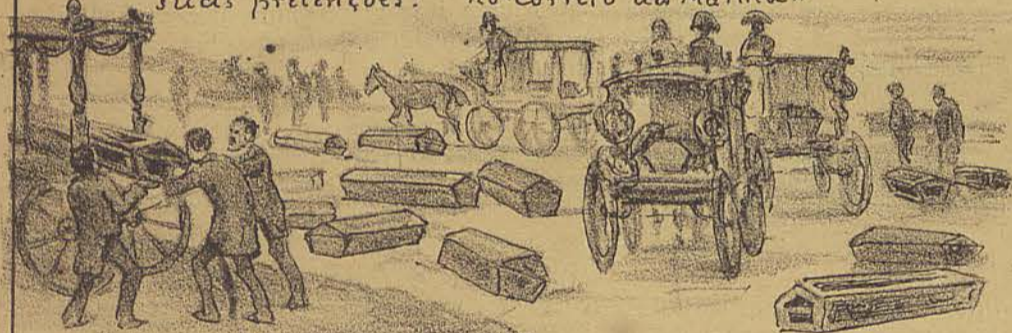
Isto é commigo, disse o Laet; e medonha descompostura sahio no Correo da Manhã



Eu fiz tres cartas. Uma é esta, a outra é aquella e a terceira...



Segunda disse o Laet et o principe estava... entusiasmado!...



O numero de mortos ocasionada pela Carne verde é espantoso... 5,500 a 6000 por dia! Parece incrível que o povo aguarde tanto envenenamento!



A boiada reconhecida, offereceu um bello buquet ao redactor chefe do Correo da Manhã. - Obrigado!



O Commercio queixase; não ha vintem...



Entretanto o publico vae á companhia italiana no Lyrico, a franceza no S Pedro, a hespanhola no Recreio, a portuguesa no Apollo, no Moulin Rouge, no Parque Fluminense, no Cassino Nacional e tem toda parte, em excesso!...



Nos mesmos, e estupendo o numero de assignantes que vem ao nosso escriptorio...

Basta a corrida de touros para encher e transbordar a praça. E dizem que não ha vintem!... Oh! tá tá